

Comparação de Eventualidades*

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina (PG – UFSC)

mendesouza21@yahoo.com.br

***Abstract.** This paper describes the verbal semantics in comparative sentences. Given that there are verbs/sentences that can be ambiguous between “intensity” and “event” interpretation, we will try to understand which verbal semantics aspects can be involved on the construction of these interpretations, for instance aktionsart and verbal complement.*

***Key-words.** comparison; verbal semantics.*

***Resumo.** Este trabalho procura lançar um olhar para a semântica do sintagma verbal em sentenças comparativas. Partindo da constatação de que certas sentenças podem ser ambíguas entre uma leitura de intensidade e outra de evento, procuramos entender que aspectos da semântica do verbo podem estar envolvidos na interpretação, sejam eles classe acional e a presença (ou não) de complementos.*

***Palavras-chave.** comparação; semântica dos verbos.*

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é olhar para o papel desempenhado pela semântica do verbo na interpretação das sentenças comparativas. Dado que certas sentenças podem ser ambíguas entre uma leitura em que se comparam eventos e outra em que se comparam graus/intensidades, fato que iremos mostrar, procuraremos analisar quais aspectos da semântica dos verbos estão envolvidos e se algum tipo de generalização pode ser obtida.

2. A semântica do SV

O tipo de estrutura que estaremos considerando no presente trabalho são as chamadas “comparativas frasais” (como as exemplificadas abaixo (1)-(3)), tentando entender o papel que a semântica dos verbos tem na sua interpretação.

- (1) A Maria leu mais romances que poesias.
- (2) O menino gostou mais de ganhar brinquedos do que roupas.
- (3) Schumacher venceu mais corridas do que Rubinho, na última temporada.

Podemos parafrasear as sentenças acima do seguinte modo:

(1') A quantidade de romances que a Maria leu foi maior que a quantidade de poesias que a Maria leu.

(2') O grau que o menino gostou de ganhar brinquedos é maior do que o grau que o menino gostou de ganhar roupas.

(3') O número de corridas que o Schumacher venceu foi maior do que o número de corridas que o Rubinho venceu, na última temporada.

Como podemos perceber pelas paráfrases o que está sendo comparado em (1) e (3) acima não é o que está denotado pelo verbo, mas algum tipo de complemento: (1') número de x-romances > x-poesias; (3') número de x-corridas; enquanto em (2) o verbo *gostar* juntamente com o objeto seja o elemento comparado em (2) é a intensidade do gostar. Os complementos das sentenças são de natureza diversa, enquanto temos a comparação entre argumentos em (1) (x-livros > x-revistas); em (2) compara-se o grau que o menino gostou de uma coisa com o grau que o menino gostou da outra, não os objetos de gostar em si, mas o quanto ele gosta de cada coisa (g-gostar de brinquedo > g-gostar de roupas); com (3) temos comparados o objeto de vencer, vencer corridas (Schumacher, x) > vencer corridas (Barrichelo, y) em t;

Já com exemplos (4)-(8) parece-nos mais interessante falar em eventos que são comparados ou em “número de eventos”:

- (4) O João mais viaja do que leciona.
- (5) João trabalhou mais este ano do que seu irmão a vida toda.
- (6) Nenhum brasileiro escalou mais o Everest do que o Waldemar.
- (7) João telefonou mais à Ana do que à Rita.
- (8) O João chamou mais vezes o Pedro do que o Paulo.

Já que podemos ter as leituras indicadas:

(4') A quantidade de eventos de viajar em que João é agente é maior do que a quantidade de eventos de lecionar em que João é agente.

(5') A quantidade de eventos de trabalhar em que João é agente é maior do que quantidade de eventos de trabalhar em que seu irmão é agente. (nos intervalos de tempo considerados).¹

(6') A quantidade de eventos de escalar o Everest em que algum brasileiro é agente não é maior do que a quantidade de eventos de escalar o Everest em que Waldemar é agente.

(7') A quantidade de eventos de telefonar para a Ana em que João é agente foi maior que a quantidade de eventos de telefonar para a Rita em que João é agente.

(8') A quantidade de eventos de chamar o Pedro foi maior do que a quantidade de eventos de chamar o Paulo em que o João é agente.

Há ainda casos em que podemos ter um tipo de “ambigüidade” entre o que é comparado, o evento denotado pelo verbo, ou algum tipo de complemento implícito/apagado. Talvez possamos estar diante de um caso de vagueza, o que não nos parece ser o caso, dado que podemos ter condições de verdade bem diversas e demasiado fortes, já que podem ser imaginados cenários onde ambas são verdadeiras. Em (9) e (10) podemos ter uma leitura que corresponde a (b) e outra a (c):

- (9)
 - a. João comeu mais do que Pedro.
 - b. João comeu mais (vezes) do que Pedro (comeu x-vezes).²
 - c. João comeu mais (comida) do que Pedro (comeu x-comida).
- (10)
 - a. João escalou mais árvores do que Pedro.
 - b. João escalou mais (vezes) árvores do que Pedro (escalou x-vezes árvores).
 - c. João escalou mais árvores do que Pedro escalou (x-árvores).

Na leitura que temos para (9b), a sentença pode ser verdadeira desde que o número de eventos de comer em que João é agente necessariamente é maior do que o número de eventos de comer em que Pedro é agente, não importando a quantidade de comida que eles tenham comido. Podemos facilmente imaginar um cenário onde Pedro fez duas refeições no dia, apenas o almoço e a janta. Enquanto João tomou café da manhã, almoçou, fez um lanche à tarde e ainda jantou. Mesmo que a quantidade de comida ingerida por Pedro tenha sido maior nas duas refeições, digamos o peso total no final do dia, não deixa de ser verdade que o número de vezes que João comeu foi maior do que o número de vezes que Pedro comeu. Na leitura entendida em (9c), temos apenas a leitura de quantidade. Podemos ter o contexto de uma festa de aniversário, e alguém pergunta: *Quem comeu mais do bolo do que o Pedro?* e como resposta: *O João comeu mais do que o Pedro.* Mesmo que o Pedro tenha se servido várias vezes, não torna falso que a quantidade de bolo que João comeu tenha sido maior.

De modo similar, o mesmo parece ocorrer com o exemplo em (10). Na interpretação de quantidade de eventos em (10b) é fácil imaginar um contexto onde João e Pedro sejam escaladores de palmeiras no Pará, e seu trabalho seja subir na árvore para retirar os cachos de frutos da árvore. No final do dia, não importando a quantidade de árvores em que João tenha subido, já que ele pode ter escalado três ou quatro vezes a mesma árvore, o número de vezes que ele escalou árvores foi maior do que o Pedro, sendo falso que ele tenha escalado, nesse caso, mais árvores do que Pedro. Na interpretação (10c), acontece o oposto. Como João decidiu agora subir em uma árvore diferente de cada vez, no final do dia ele subiu em mais árvores do que o Pedro, que adotou a estratégia anterior de João e resolveu subir várias vezes na mesma árvore.

Resumindo esta seção podemos ter três tipos de interpretação nas estruturas comparativas com verbos:

- a) uma leitura em que o que é comparado é o complemento do verbo. Seriam casos típicos verbos como *vencer*, *ler*.
- b) outra em que o que se compara é o evento em si não o evento em si, mas a quantidade, quantidades de eventos, onde temos verbos como *trabalhar*, *telefonar*;
- c) para os estativos temos leitura de intensidade, como *gostar*;
- d) e ainda uma ambigüidade entre (a) e (b), onde os casos seriam *comer* e *escalar*.

2.1. Verbos e complementos

Vamos tentar olhar agora para a distinção apresentada no final da seção acima. Primeiro olhar para os verbos que não possuem algum complemento na sua estrutura sintática, objeto direto/indireto, e depois outros com complemento, verbos transitivos.

(11) João correu mais do que o Pedro.

(12) João estuda mais do que a Maria.

Em (11) e (12) temos dois verbos intransitivos, não selecionam nenhum tipo de argumento sintático interno. O exemplo (11) é ambíguo entre (11'a) e (11'b):

(11') a. O grau/intensidade/velocidade de correr de João é maior do que o grau de correr de Pedro.

b. A quantidade de eventos de correr em que João é agente é maior do que a quantidade de eventos de correr em que Pedro é agente.

A viabilidade das leituras pode ser verificada dado que (11) pode ser uma resposta satisfatória para qualquer uma das questões em (13), ficando facilitadas as interpretações entendidas:

- (13) a. Quem foi mais rápido do que o Pedro?
b. Quem treinou mais do que o Pedro esta semana?

Provavelmente estamos aqui diante de um caso de indeterminação. Afinal o que quer dizer *João correu mais do que o Pedro*? João correu mais corridas do que Pedro? João foi mais veloz do que o Pedro? A intensidade da corrida de João foi maior do que a intensidade da corrida de Pedro? Dizer simplesmente que o grau da corrida de João é maior do que o grau da corrida de Pedro é satisfatório?

Com o exemplo (12) parece que temos apenas leitura de intensidade:

- (12') O grau de estudar de João é maior do que grau de estudar de Maria.

E mesmo com outros exemplos permanece a leitura de intensidade:

- (14) a. João estudou mais lógica do que teoria de conjuntos.
b. João estudou mais do que viu televisão.

Agora, se considerarmos o verbo *estudar* como eventivo, poderia ser mais interessante falar na intensidade do evento de *estudar* do que em quantidades de eventos de estudar? Acreditamos que seria mais plausível pensar em *eventos de estudar*, pois se apenas dissermos que a interpretação é de “graus de estudar” que são comparados, soa contra-intuitivo a consideração do verbo estudar como tendo algum tipo de gradação, apesar de ser mais simples dizer que *o grau de estudar de x é maior que o grau de estudar de y* não importando o que isso signifique em termos ontológicos:

(14') a. O grau de estudar lógica é maior do que o grau de estudar teoria de conjuntos em que João é agente.

b. O número de eventos de estudar lógica em que João é agente é maior do que o número de eventos de estudar teoria de conjuntos em que João é agente.

Vejamos outros verbos com complementos argumentais:

- (15) Schumacher venceu mais corridas do que Rubinho, na última temporada.

- (16) A Maria leu mais romances que poesias.

Como já vimos acima, estas duas sentenças comparam quantidades de coisas, vencer x-corridas > vencer y-corridas e ler x-romances > ler y-poesias. Se considerarmos uma leitura eventiva, que se oporia às leituras apresentadas na segunda seção, em (15) compara-se a quantidade de eventos de vencer corridas por Schumacher que é maior que a quantidade de eventos de vencer corrida por Rubinho. No exemplo (16) procede o mesmo, compara-se a quantidade de eventos de ler romances por Maria com a quantidade de eventos de ler poesias por Maria. Parece implausível falar em “intensidade” nestes dois casos, já que parece haver, mesmo não explicitamente, referência a quantidades.

O que os exemplos parecem nos mostrar é que com certos verbos temos uma nítida leitura de intensidade, como o caso de *correr*, que seria similar à *gostar*. Por outro, temos casos em que o complemento do verbo parece exercer um papel

importante, pois vimos que em (15) e (16) podemos estar comparando eventos de *vencer corrida* e eventos de *ler coisas*. Poderiam as classes acionais nos elucidar alguma coisa ou a distinção não traria nenhum ganho na descrição? Como vimos acima, os estativos parecem restritos à leitura de intensidade, e com as outras classes?

3. Classes acionais

Partindo da distinção proposta em Vendler (1967) e seguida em Parsons (1990) e Chierchia (2003) vamos olhar agora com mais calma o comportamento dos verbos que denotam atividades/processos e os accomplishments e achievements.

Como vimos acima no nosso exemplo (11), *João corre mais do que Pedro*, parece que temos um tipo de ambigüidade, entre uma leitura de intensidade e uma leitura de quantidade de eventos. O mesmo ocorre com outros verbos como *correr*, que são verbos de atividade? Vejamos um exemplo:

(17) João dançou mais que todos os convidados da festa.

A primeira leitura que temos é de que a quantidade de eventos de dançar de João foi maior que a quantidade de eventos de dançar de todos os outros convidados da festa, qualquer que tenha sido ela. Poderia haver outra? Talvez seja possível falar em “tempo”, o João passou mais tempo dançando do que os outros convidados, ou quem sabe ele tenha dançado mais vezes, não que isso tenha lhe tomado mais tempo. Poderia (17) ser ambígua entre uma leitura em que se comparam números de eventos, vezes de dançar, e outra onde se comparam o tempo dos eventos de dançar, de João e dos outros convidados? Ou ainda, poderíamos dizer que João dança melhor que todos os convidados, significando que a qualidade de sua dança foi melhor que a dos outros? Isso não nos parece muito conclusivo. Neste caso, parece que mesmo nos verbos de atividade não há um comportamento uniforme. Ou talvez, a leitura preferida seja a de “vezes/quantidade” de eventos. Ou temos casos como vistos na seção anterior, em que *correr* é ambíguo entre uma leitura de quantidades de eventos e outra de intensidade, enquanto *estudar* parece ocorrer o mesmo, apesar de não apresentar a indeterminação que *correr* apresenta, provavelmente pelo fato de podermos melhor especificar o que estamos comparando, tempo do evento, coisas estudadas.

Vejamos agora exemplos com verbos accomplishment:

(18) João construiu mais casas que Maria.

A única leitura possível é aquela em que se compara a quantidade de eventos de construir casas por João com a quantidade de eventos de construir casas por Maria. É saliente também a impossibilidade de ocorrência de sintagmas definidos ou quantificados, sem que ocorra alteração na estrutura da sentença:

- (19) a. ? João construiu mais uma casa que Maria.
b. João construiu uma casa a mais do que Maria (construiu x-casas).
(20) a. ? Pedro escreveu dois artigos mais do que Cláudia (escreveu).
b. Pedro escreveu dois artigos a mais do que Cláudia escreveu.

Com verbos de achievement o comportamento parece ser bastante similar:

- (21) Schumacher venceu mais corridas do que Rubinho, na última temporada.
(22) Nenhum brasileiro escalou mais o Everest do que o Waldemar.

Se quantificarmos de algum modo *corridas* em (23), no sentido aqui de fazermos referência explícita a quantidades, a sentença soa estranha:

- (23) a. ? S. venceu mais duas corridas do que R.
b. ? S. venceu duas corridas mais do que R.

Isso é um indício de que as sentenças abaixo não apresentem a mesma estrutura semântica das sentenças que estamos considerando:

- (24) a. Schumacher venceu duas corridas a mais do que Rubinho.
b. Waldemar escalou o Everest duas vezes mais do que qualquer outro brasileiro.
c. João construiu duas casas a mais do que Maria.

E estejam ao lado de sentenças onde o *mais* exerce função aditiva e não comparativa:

- (25) a. Schumacher venceu mais uma corrida/uma corrida a mais.
b. O menino comeu mais uma bolacha/ uma bolacha a mais.
c. João construiu uma casa a mais/mais uma casa.

Como o leitor pode ter notado todas as sentenças estão no passado. Verbos *achievement* são claramente agramaticais quando na forma progressiva em sentenças comparativas:

- (26) a. * Ninguém está escalando o Everest mais do que o Waldemar.³
b. * Schumacher está vencendo a corrida mais do que o Rubinho.

Já com *accomplishment* não há problemas, pelo menos a agramaticalidade não é plena, enquanto (a) e (c) são aceitáveis, onde no primeiro temos um sintagma nominal plural nu *casas* e em um sintagma nominal definido *a tese*, e como vimos sintagmas quantificados causam estranhamento, como ocorre em (b):

- (27) a. João está construindo mais casas do que a Maria.
b. ? João está escrevendo uma tese mais do que a Paula (está escrevendo).
c. João está escrevendo a tese mais do que a Paula.

Em resumo, neste estágio do trabalho acreditamos que olhar para a semântica dos verbos pode nos revelar algumas particularidades interessantes das estruturas comparativas. Temos alguns fenômenos que carecem de explicação, a mudança de estrutura quando temos referência explícita a quantidades, a obrigatoriedade dos nomes serem plurais ou massivos. Mas, é possível estabelecer uma primeira distinção entre:

- a) os estativos que apenas possuem leitura de intensidade;
- b) os verbos de atividade que são “ambíguos” entre a leitura de intensidade e a leitura de comparação de eventos;
- c) e os *accomplishment* e *achievement* que possuem apenas leitura de comparação entre quantidades de eventos, havendo algum tipo de restrição quanto ao complemento e ao morfema temporal.

Mesmo com essa conclusão parcial e ainda especulativa os resultados são favoráveis a consideração de uma semântica de eventos também para as estruturas comparativas.

4. Considerações Finais

Ao longo do texto procuramos apresentar o comportamento de diferentes tipos de verbos nas sentenças comparativas. Olhando para diferentes sentenças e diferentes verbos, sejam de atividade, assim como estados, *achievement* e *accomplishment*. Pelo que vimos, há uma distinção no comportamento entre os estados de um lado que parecem fazer referência a algum tipo de intensidade, e os outros verbos de outro, que realizam comparação explícita entre eventos. Há também uma aparente ambigüidade entre uma leitura que parece ser de intensidade e outra de comparação de eventos nos verbos de atividade. Os verbos *accomplishment* e *achievement* apresentam restrições quanto ao seu complemento.

O próximo passo do trabalho é explicar por que essas diferentes interpretações ocorrem, como é possível que um verbo de atividade, como *dançar*, ganhe leitura de repetição? A hipótese que iremos explorar é que as restrições assim como as possibilidades de leitura vêm do *mais* que exige que haja mais de um evento, funcionando como uma função que nos leva de indivíduos a cardinalidades de eventos, coisas comparadas? Além disso, as teorias da comparação propostas em Stechow (1984) e Marques (2004) pouco nos dizem sobre estes fenômenos, sem levar em conta ainda os aspectos em que elas são problemáticas.

Notas

* Agradeço a leitura atenta e os comentários de minha orientadora Roberta Pires de Oliveira, da Prof. Dra. Teresa C. Wachowicz e do colega Renato Basso bem como da audiência do Simpósio “Operações Semânticas”.

1. Provavelmente tenhamos aqui o caso de uma interpretação em que podemos comparar a quantidade de eventos de trabalhar e ao mesmo tempo comparar o tempo desses eventos, algo como: trabalho $(E, j)(t) >$ trabalho $(E', i)(t')$ & $(t < t')$. Em prosa podemos dizer que o conjunto dos eventos de trabalho de João em t é maior do que o conjunto dos eventos de trabalho do seu irmão em t' (“ i ” está para irmão de João) e o tempo dos eventos de trabalho de João é menor do que o tempo dos eventos de trabalho de seu irmão. Note que esta análise é apenas um esboço.

2. Pelo fato de não ser esse o tópico do trabalho, neste momento, não abordaremos aqui o problema da resolução de eclipse em sentenças comparativas. Para uma proposta de análise do Português Europeu ver Marques (2004).

3. Cabe notar que a sentença é agramatical na leitura entendida, de evento pontual. Ela pode ser facilmente interpretável se considerarmos o “processo” de atingir o cume do Everest. Para nós, mesmo com alguns julgamentos discrepantes, manteremos a idéia aqui da impossibilidade de se compararem processos que carecem de um objetivo/ponto final. Apesar disso necessitar melhor explicação.

Referências

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Trad. de Luis A. Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, Londrina: EdueL, 2003.

HEIM, Irene. Degree Operators and Scope. ms. 2001.

MARQUES, Rui. *Para uma semântica das sentenças comparativas do Português*. Tese

de Doutorado. Universidade de Lisboa, 2004.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990.

VENDLER, Zeno. *Linguistics and Philosophy*. Íthaca: Cornell U. Press, 1967.

von STECHOW, Armin. Comparing semantic theories of comparison. *Journal of Semantics*. n. 3, 1984. p. 1-77.